

A indumentária (psicoexistencial) do personagem de *Solidão Continental* de João Gilberto Noll

*The attire (psycho-existential) of the Continental Solitude character,
written by João Gilberto Noll*

MÁRCIO MOREIRA COSTA
HELOÍSA HELENA SIQUEIRA CORREIA
Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil



Resumo: Este artigo pretende analisar a obra *Solidão Continental*, do escritor contemporâneo João Gilberto Noll, e caracterizar seu personagem-narrador: João Bastos. Considerando-se que este é revestido de uma roupagem com traços literários filosóficos existencialistas. Isso exige uma busca, na filosofia de Sartre e Nietzsche, de elementos que deem embasamento à hipótese posta. Assim, se procedeu à análise crítica a partir das características mais íntimas, os aspectos psicológicos, para os elementos visíveis, que estão realmente à mostra, como seu agir moral. Identificou-se uma busca, pelo personagem, de algo que o preencha, retirando-o de seu dilema existencial e que o complete, antes que seu tempo finde.

Palavras-chaves: João Gilberto Noll; Literatura brasileira contemporânea; Existencialismo; Niilismo

Abstract: This article aims to analyze the work *Continental Solitude*, by the contemporary writer João Gilberto Noll, and characterize its character-narrator: João Bastos. Considering that he is coated with a garment with philosophical existentialist literary traits. This requires a search in the philosophy of Sartre and Nietzsche of elements that give foundation to the hypothesis put here. So we proceeded to critical analysis from the most intimate features, the psychological aspects, to the visible elements that are actually on display, as his moral action. We identified a search by the character for something that might fulfill himself, taking him away from his existential dilemma and fulfilling him before time runs out.

Keywords: João Gilberto Noll; Contemporary Brazilian literature; Existentialism; Nihilism

Introdução

“Que importa quem fala?”. Esta indagação de Michel Foucault (2009, p. 264), encontrada em sua obra *O que é um autor?*, é responsável por excitar uma polêmica em torno do lugar e da função do autor (contemporâneo). E se poderia dizer, parodiando o mesmo Foucault, que, *o autor é útil para individualizar, conceber um certo tipo de personagem, à sua livre escolha*¹. O autor é uma referência. Parece ser assim que João Gilberto Noll se vê em relação ao seu personagem João Bastos, do romance *Solidão*

Continental, quando afirma, em entrevista concedida ao jornalista Ubiratan Brasil, do jornal *Estadão*, publicada em 7 de setembro de 2012, que “[...] ele (seu personagem) pode até ter vindo da minha natureza, mas é um segundo personagem que não o da minha cidadania exercida no dia a dia social. Ele habita em mim, [...]” (NOLL, p. 2012a).

O gaúcho, portalegrense, João Gilberto Noll é um prosador que, como alvo da crítica literária, ora recebe elogios, ora críticas severas. Mas destaca-se por suas construções que vão além do romance moderno. Dono de uma escrita muito peculiar aborda temáticas que ultrapassam fronteiras cotidianas. Características presentes na Obra *Solidão Continental* e em seu protagonista, o eu narrador, João Bastos.

¹ Cf.: “Enfim, o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 273).



O escritor de narrativas esfumaçadas, que ao fazê-las parece deixar migalhas de pão ao longo do caminho para seu leitor, prepara seu personagem, tal qual um *personal stylist*, como se o vestisse para uma ocasião peculiar; desde as peças íntimas que roçam sua pele – suas subjetividades – ao terno fino (o fraque...) que o apresenta (confere *status*) – elementos éticos (aéticos?) e existenciais – e comina-lhe um perfil, uma imagem. Tais migalhas excitam ao leitor a seguir João, por seu itinerário incerto; uma construção textual que, como afirma Antoine Compagnon, sobre a crítica da recepção de Wolfgang Iser, “[...] pede ao leitor para obedecer às suas instruções [...]” (2012, p. 149). Este artigo pretende fazer uma abordagem dos aspectos dessa roupagem que envolve o narrador fictício de *Solidão Continental* de João Gilberto Noll.

1 Características intimistas... vestindo as primeiras peças

A figura dramática, conhecido apenas por João Bastos, “[...] jogado num mundo que nunca pediu” (NOLL, 2012a), apresenta-se como um ser incompleto. Uma incompletude expressa por sua constante busca do outro, flagrada nos constantes encontros carnavais que parecem não se completar... como que dilatando esse clímax. É o que atesta Noll. (2012b, p. 26. 30), na voz de seu personagem como a uma confissão, que

[...] o certo é que já estava me engraçando para o lado de Tom, sim, o mórmon que servira na Guerra do Iraque e que parecia querer me seduzir eu não sabia por quê. [...] Ele estava nu na minha frente, de costas para o lago. E, surpresa, o pau dele continuava em repouso. Aquilo me confundiu, sacudi ligeiramente a cabeça não querendo acreditar.

O recorte acima, retirado do Capítulo 2 de *Solidão Continental*, evoca a imagem dessa incompletude e da carência que esta provoca no indivíduo. Uma carência, no caso do personagem, não por sexo, mas por dividir algo mais do que a cama. Nas ocasiões em que ocorre o “contato carnal” ele mesmo de nada se lembra – “O garoto mostrava a marca de um chupão no pescoço. Teria sido eu que não me lembrava de contato carnal nenhum?” (NOLL, 2012, p. 63) –, indicando a continuidade de sua busca incessante. Tal situação o faz explodir em frustrações. Por isso João Bastos insatisfeito com o que fez de sua vida sente-se solitário, angustiado, exilado². Sugestão de uma crise existencial, de identidade: expressão de um

² Toda essa angústia e insatisfação não tem origem no confronto com a “cruza” da vida que parece à deriva em direção à morte – no molde clássico do existencialismo –, mas uma angústia que vem da sensação de perda... uma perda, passada, que lhe impede, no presente, de ser completo.

deslocamento espaço-temporal ligada a uma incerteza quanto ao que seria seu próprio *eu* em processo de fazer-se. Bastos parece não sentir-se parte de lugar algum. As indefinições, indecisões – principalmente de ordem sexual e afetiva – são marcas nítidas de uma convulsão: seus “apetites” preferenciais são homossexuais, mas ele ainda assim envolve-se com mulheres, excitado por sua condição solitária... de carência.

A realidade desse personagem-narrador é como de um arqueólogo do cotidiano que se aventura na caverna da vida portando apenas uma lanterna presa ao seu capacete de explorador. Não obstante, a alegação de Noll de que “[...] ele está aí e que não é propriamente o (seu) eu biográfico, [...]”, certamente é resultado de experiências suas e pode até vivenciar, na ficção, situações experimentadas pelo próprio escritor (FERIGOLO, 2011). Essa amálgama entre o real e a ficção expõe a presentificação das cenas e dos sentimentos que nelas se enlaçam num jorro interrompido, impreciso, sempre por terminar; situações interrompidas pelo acontecimento seguinte que não é necessariamente uma continuidade. É o que se pode constatar quando Noll (2012, p. 23) escreve:

[...] Bill só poderia ter fugido por aquela privada. [...] Enfiei a cabeça no vaso e apertei o botão da descarga. [...] Surpreendi-me porque as águas iam ficando azuis. E nelas eu mergulhava anfíbio até subir e me devolver ao ar. Uma piscina azul. O sol parecia em seu zênite. Tudo faiscava. No alto do prédio branco havia um letreiro: Hotel Florida.

A fragmentação da realidade é o despedaçamento do próprio ser que a vive e que a relata a seu modo: invadida de subjetivismo. O protagonista de *Solidão Continental* parece possuir uma certa autonomia em relação ao seu progenitor; por isso age sem uma orientação externa, sobrenatural³. Esse indivíduo, inconstante e impreciso tanto quanto as cenas que narra, é a imagem de um tempo: o contemporâneo. Não exatamente a contemporaneidade ao modo de Giorgio Agamben, porque não existe o distanciamento da realidade, entretanto, ocorre “[...] uma singular relação com o próprio tempo [...]” (2009, p. 59) e distanciamentos sim, mas estes, nas relações afetivas além de subjetivismos exacerbados – resultantes do esfacelamento do sujeito pós-moderno, que segundo Stuart Hall (2014, p. 22), sofreu “[...] um deslocamento através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno.” – rupturas essas que levam a solidões continentais. Esse tempo contemporâneo que já é gestado na modernidade tal qual a pensou Charles

³ O sentido de sobrenatural aqui se aproxima do campo religioso apenas figurativamente. Quer indicar uma não percepção, pelo leitor, da influência do autor (de fora) nas ações do personagem.

Baudelaire (1996, p. 25) – “[...] o transitório, o efêmero, o contingente [...]” – e se consolida no processo de modernização, descrito por Marshall Berman (1986, p. 15), como um turbilhão que envolve indivíduos e sociedades e que se mantém “[...] num perpétuo vir a ser [...]”.

A condição de solitário, que acompanha o personagem durante todo o seu percurso desde Chicago até Porto Alegre, passando ainda por Miami e Cidade do México, é sua característica mais primária. Em meio a tanta busca e tantos encontros nada ocupa o espaço, insaciado, que há internamente e que o leva a buscar algo que parece inalcançável. E isso lhe é angustiante. Desejar um relacionamento, manifesto nas expectativas fantasiadas de casamento com Tom e Frederico, e vê-lo, ao mesmo tempo, tão distante. Sua solidão não está no fato de sentir-se “fora de casa”, mas está entrelaçada ao seu *eu*, ao constructo daquilo que é e será, e por isso o faz sentir-se um estranho, exilado, *alien*, mesmo em sua cidade natal, Porto Alegre. Pois,

[...] envolto que estaria pela mesma lacuna que me consome particularmente nas tardes de solidão na cama, [...]. Saio pelas ruas de roupão e o povaréu do quarteirão me olha atônito, a mim que normalmente faço tudo para passar despercebido... (NOLL, 2012, p. 56).

Embora não exista uma linearidade cronológica nos fatos narrados, o tempo está sempre presente na narrativa em primeira pessoa. Por vezes contrastado no enlace entre passado e presente, seja por lembrar fatos que se relacionam com o que se está vivendo ou por, de certa forma, fazer menção ao envelhecimento que, inevitavelmente, vai ocorrendo. O personagem vê a vida lhe escapando e nada lhe resta a não ser a solidão; uma solidão que já era parte de seu viver flácido, pois que “[...] me enfezava com qualquer coisa que, na minha cabeça, promettesse desmontar a minha solidão.” (NOLL, 2012, p. 60). E esta, como uma célula impregnada do câncer, provoca um sofrimento à moda de Luís Vaz de Camões⁴ que leva o personagem a se questionar “[...] de que sofrimento vinha tanto desatino.” (NOLL, 2012, p. 60). E de que desatino queixa-se João? Da sua indecisão e insegurança afetiva que o faz desejar, mas recuar da tentativa de tocar a face de quem está ao seu lado; insegurança em face da pujança da juventude que o fazia sentir-se “[...] velho cansado diante do garoto a esperar [...] a força viva da sobrevivência material e moral [...]” (NOLL, 2012, p. 62).

⁴ A alusão ao quarto verso do soneto clássico de Camões, intitulado “Amor é fogo que arde sem se ver”: *É dor que desatina sem doer*; não tem aqui pretensões de relacionar escritas tão diversas, mas apenas indicar, a partir do recurso poético, o tipo de dor sentida pelo personagem de Gilberto Noll.

Alimentado pela angústia e busca interminável por algo que não sabe, exatamente, o que seria e agora cansado, já velho, parece deixar de acreditar que pode ir mais além; seu ímpeto cessou, a libido está longe de ser a mesma de outrora. Mas não pode simplesmente parar assim. Sua incompletude é ainda sua principal motivação para continuar porque precisa escrever sua história, mesmo que através de cenas inacabadas, por se concluir. E mesmo irresoluto em ser o protagonista pleno de sua história, passivamente aceitando que outros tomem a iniciativa, é levado a continuar buscando, “[...] talvez, para preencher o vazio subjetivo e existencial originado pela consciência da morte” (FERIGOLO, 2011, p. 4), que ele sente não muito distante, posto que é levado a indagar “Se as portas dos vivos se mostrassem cerradas para uma figura inexistente como eu, o que me restaria se não vagar pelas ruas feito um mendigo sem razão para esmolar?” (NOLL, 2012, p. 112).

E isso, embora não pareça lhe atormentar, é causa de sofrimento porque o tempo de resolver seus problemas está chegando ao fim; João Bastos é um ser que caminha para o encontro com a morte e sabe disso embora insinue não a desejar.

2 O invólucro filosófico... medidas, ajuste do corte

João Bastos, sabedor do limite que lhe é posto pela natureza – a morte – e encarando tal certeza sem encenar uma vítima que foi lograda pela sua condição biológica, não pode negar a angústia que isso lhe causa. Angústia porque ainda está por fazer-se; sua incompletude é também fruto de um processo de autoconstrução, aparentemente com algumas coisas a serem corrigidas, no visor do protagonista. Para tanto, em sua concepção: “[...] esse era o método de alongar a vida, mesmo que a vida se tornasse insípida diante dessa perpétua postergação” (NOLL, 2012, p. 21). A sensação de algo lhe faltar, enquanto existência, funcionava como um blefe no duelo com a morte; um duelo de cartas marcadas, mas em que, por hora, parecia possuir vantagem.

2.1 Uma busca de ser... fazer-se no outro

O autor João Gilberto Noll declara, na mesma entrevista já citada, que seu personagem é “[...] um sujeito em constante formação, entre a maturidade e a velhice, um homem que não está pronto enquanto não se inserir na alma do outro [...]”. Sua viagem, que emenda as Américas, portanto, indica também o processo pelo qual este personagem deseja encontrar-se consigo mesmo e, a partir desse ponto, retomar o projeto de si mesmo. Essa busca de si mesmo está evidente no episódio que ocorre no hotel Allegro que décadas antes se chamava

Bismarck. No trecho a narrativa ensaia a busca de vínculo com um passado que, ao mesmo tempo em que é saudoso, contrasta com um anseio, inicialmente contido, de seguir adiante: a imagem do antigo hotel, muitas memórias... mas o novo nome (não mais Bismark, mas Allegro) é um choque que indica que é preciso seguir. O tempo segue seu curso e não é possível parar; nem para achar a si mesmo (NOLL, 2012b, p.9-12).

O contexto então descrito sugere a possibilidade de traçar um paralelo com a proposta da filosofia existencialista, especificamente aquela defendida por Jean Paul Sartre, pensador francês nascido em Paris no ano de 1905. Para o filósofo, o homem é um ser lançado no mundo e por isso sente náusea e se angustia, face ao absurdo da existência. Não há uma causa para a existência humana que lhe atribua um sentido, pois que esse sentido precisa ser construído pelo próprio sujeito que ao mesmo tempo em que é livre é também o único responsável pelo que será enquanto homem; e não há como o homem fugir dessa tarefa (SARTRE, 2005, p. 68, 72, 678). O mesmo se passa com João Bastos que, segundo seu criador, se sente “[...] jogado num mundo que nunca pediu” (NOLL, 2012a). E é diante dessa obrigatoriedade de existir, um existir carente de sentido, que ele sente-se incompleto, indeciso, afligido, quase numa *sanha paranóide*, pois a ele só lhe sobra, além da solidão, a si mesmo: sua liberdade.

A escrita de Noll, em *Solidão Continental* é autoexcludente no sentido de que, ao criar o narrador-protagonista o autor subtrai-se da cena literária e responsabiliza o personagem pelos rumos que os acontecimentos vierem a tomar; obriga-o a ser autônomo. Assim também é o modo como Sartre enxerga a realidade existencial: não há um ser superior (Deus) que imponha regras, limites e sentido, portanto, os homens são livres. Uma liberdade infligida, condicionada, não eletiva e da qual não é livre para abdicar. Postos no mundo, o que são esses indivíduos? Sartre (2005, p. 75), assim responde a pergunta:

Não sou agora o que serei depois. Primeiro, não o sou pois o tempo me separa do que serei. Segundo, porque o que sou não fundamenta o que serei. Por fim, porque nenhum existente atual pode determinar rigorosamente o que hei de ser. Contudo, como já sou o que serei (senão não estaria disposto a ser isso ou aquilo), sou o que serei à maneira de não sê-lo.

Seria impreciso, a partir do ponto de vista sartreano, afirmar que o João que saiu de Chicago é o mesmo que chega e está em Porto Alegre. Ele está em um contínuo devir e em relação com o outro; o outro a quem tanto cobiça. E nisto está evidente a intersubjetividade, pela qual se conhece e se é conhecido e a partir daí “O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao

conhecimento que tenho de mim mesmo. [...] e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros” (SARTRE, 1970, p.10-11). Todavia, não existe determinação externa ao sujeito que possa influenciar sua decisão no processo de fazer-se. Um inventar-se que resulta da responsabilidade originada pela sua condição de ser livre... e solitário. Nota-se que essa liberdade é preenchida por um entendimento ético em função da construção de si e da relação com o outro. É o que se pode notar no protagonista de *Solidão Continental* que deveria ser tomado por uma libido engajada, não carnal, que possibilitasse a transformação da história. Porém, alguém assim não seria João Bastos, ainda mais ao ouvi-lo confessar:

Percebi que as circunstâncias tinham me vencido mais uma vez. Eu, que queria fugir delas para ir atrás de um estado improvável em que eu fosse dominado pela inconsequência, eu estava ali tendo de esperar o Samu que nos levaria para o pronto-socorro (NOLL, 2012, p.71).

A confiança, clara e apoquentada, mais parece um vômito nauseante, pois é também reveladora do acovardamento do narrador-personagem diante de sua realidade, de sua existência. Foi vencido porque se deixou vencer; optou por ser guiado e agora a vontade lancinante que o domina é de fugir. Encontra-se numa situação criada por outros e aguarda, passivamente, pelos acontecimentos: a chegada de uma ambulância. Resigna-se a aceitar um determinismo social, mente para si mesmo embora seja conhecedor da verdade. E qual seria esta? A de que ele – João Bastos – e somente ele seria capaz de transformar tais circunstâncias, assumindo, responsabilmente, o controle de sua vida e arquitetando o seu *ser em si*⁵ rumo ao ser para si (SARTRE, 2005, p. 131). Mas a mentira de que algo externo e mais forte que ele direciona os rumos de sua existência é mais agradável, menos nauseante e, portanto, ele abraça-se a esse embuste, negando a verdade (desagradável) que não poderia negar. Sartre vai nominar tal postura de *má-fé*. Nas palavras do filósofo,

[...] se sou minha angústia para dela fugir, isso pressupõe que sou capaz de me desconcentrar com relação ao que sou, posso ser angústia sob a forma de ‘não sê-la’, posso dispor de um poder nadificador no bojo da própria angústia. Esse poder nadifica a angústia enquanto dela fujo e nadifica a si enquanto sou angústia para dela fugir. É o que se chama de má-fé (SARTRE, 2005, p. 89).

⁵ “[...] incriado, sem razão de ser, o ser-em-si é supérfluo para toda a eternidade” (SARTRE, 2005, p. 40). A expressão sartreana *ser em si* quer indicar aquilo que existe, o existente, que é caracterizado como absurdo e contingente. Nesse caso específico, o existente é o próprio João Bastos.

Portanto, o intento da má-fé nada mais é do que evitar a angústia que a crueza da liberdade causa no sujeito. Assumindo um logro que lhe é deleitável, pois alivia sua angústia, o protagonista, finge correlacionar a imagem que desenvolveu de si com o existente e aparta-se de sua consciência (*ser para si*⁶) que sussurra ao seu ouvido que ele é livre, um autodeterminante.

A fuga precipitada de qualquer vestígio que o faça lembrar que é livre, necessariamente para construir-se enquanto um existente, também o coloca em um problema moral. Assumindo sua liberdade deveria desenvolver, para si mesmo, um conjunto de regras morais que possibilitasse uma convivência saudável, consigo e com os demais (os outros personagens). Rejeitando o caráter ativo de sua liberdade, o narrador do romance fica impossibilitado de dar sentido aos valores imbricados nas relações intersubjetivas.

2.2 *Uma moral vazia ou a ausência da moral*

É evidente que o personagem em questão, que quase permanece anônimo, não está preocupado em ordenar suas ações dentro de um campo moral; nem parece cogitar algo do tipo. Tal postura pode ser sugestiva tanto de anomia como de uma renúncia aos padrões de valores vigentes; uma inversão (deliberada?) dos valores.

De relance, quase em um devaneio, ele deixa escapar que seu pai sentiria muita vergonha de sua preferência homoafetiva. É o que atesta sua confissão mental ao admirar o jovem Frederico, nu sobre a cama: “[...] sim, era um homem como eu. Se meu pai me visse sabe-se lá de onde, morreria de vergonha de seu filho. Não pude deixar de sorrir” (NOLL, 2012b, p. 64). Uma certeza que certamente o fez carregar o peso da experiência de rejeição, mesmo que velado, de seu pai. Seu desdobramento pode justificar a intensa solidão que sente pelo fechamento na tentativa de fuga da rejeição; um interior inflamado que não tem anti-inflamatório que cure. Isso certamente acarretaria, por sua vez, uma rejeição dos padrões morais vigentes que o pressionou e afligiu tal qual um espinho na carne⁷. Talvez se refira aos padrões (religiosos) que oprimiram o próprio Noll. É o que sugere sua entrevista dada ao colunista Carlos André, quando afirma que “[...] realmente é a consciência de que aquela espiritualidade exacerbada não dava conta de mim. Minha casa era o corpo, essa era a certeza que eu tinha” (NOLL, 2013).

O quadro a que se pode chegar é de um indivíduo (personagem) que não possui uma moral vazia, mas não possui moral nenhuma, sem moral, porque se recusa a aceitar o que lhe é dado e não conseguir inventar para

si nenhum valor moral. Resistir ao que é, insistindo na defesa do ilusório resulta em má-fé por configurar-se numa fé transviada (SARTRE, 2005, p. 106-116). João Bastos oscilou entre viver um casamento, do qual se sentia sem forças pra sair, e suas aventuras homossexuais, para enfim terminar às voltas com outra mulher, mas levado por uma onda que quebra na praia despropositadamente. O seu interior inflamado – sem um anti-inflamatório capaz de curar – e fragmentado acaba vítima do ácido da contemporaneidade: o niilismo. O pesquisador italiano, Giovanni Reale (2002, p. 19-20), valendo-se do pensamento de Nietzsche, explica o niilismo como a desvalorização dos valores supremos; perdem-se os fins. Tais valores foram sepultados, posto que, Deus está morto (NIETZSCHE, 2013, p. 215-217).

João Bastos já não possui mais ideal algum, pois “[...] a nata do melhor não estava mais por vir, porque o seu prazo de validade parecia ter vencido [...]”, não acredita mais em um futuro promissor. Vive apenas o momento porque “[...] só me restava mesmo era pôr-me em ação antes de azedar – em marcha, pois, enfim.” (NOLL, 2012, p. 13). Não há mais fim último nessa concepção da existência, da vida. Não há uma instância metafísica que oriente os destinos individuais para formarem uma coletividade. Tampouco se pode recorrer a uma verdade, pois o mundo “[...] é falso, cruel, contraditório, corrupto, sem sentido... Nós *precisamos da mentira* para derrotar esta realidade, esta ‘verdade’, ou seja, para *viver*” (REALE, 2002, p. 27). Em *Solidão Continental* pode-se destacar dois momentos manifestos dessa mentira “necessária”: a visão do antigo amante, Bill, no quarto do hotel Allegro e depois a perseguição de uma imagem do jovem Frederico que se dissipa inesperada e inusitadamente (NOLL, 2012, p. 18-22; 89-100). A lembrança de uma possibilidade não concretizada, na juventude, por não haver tomado a decisão de deixar a esposa e lançar-se noutra relação, peculiar, que parece reviver novamente com Frederico. Então é necessário correr atrás, perseguir, mesmo que pareça impossível alcançar, constituir relação, uma que afogue seu vazio⁸.

A própria linguagem usada na narrativa e que descreve uma realidade esfumada a partir de cenas imprecisas, difusas, quer recomendar uma fuga da realidade enquanto absoluta, da verdade enquanto universal, do “essencialismo” das coisas; metaforizada na morte de Deus apregoada pelo insensato de Nietzsche (§ 125, 2013) em sua obra *A gaia ciência*. A queda do referencial metafísico abre um espaço vazio que pode ser preenchido por qualquer coisa, inclusive pela falta de sentido, de valor. Assim, se entende quando o personagem

⁶ Cf.: Sartre, 2005, p. 131.

⁷ Uso simbólico e enviesado da expressão de Paulo Apóstolo, em uma de suas cartas, contidas na Bíblia, aludindo ao incômodo que o conhecimento da verdade lhe causava, evitando o desvio do caminho reto.

⁸ O jovem Frederico já não diz nenhuma palavra nessa aventura empreendida pela ânsia de *João Bastos*, o protagonista narrador de *Solidão Continental*.

desabafa: “[...] diante do vazio do meu estado, vazio onde tudo poderia ser incluído, até a imagem quem sabe inexistente dele, Frederico [...]” (NOLL, 2012, p. 89-90). Com a amputação do fundamento, da referência essencial experimenta-se o oco onde até o que não existe pode ser posto, no desespero de preencher tal espaço: isso é o niilismo. De um modo mais elaborado, niilismo é a desvalorização dos valores mais elevados e seus pressupostos “[...] são que não exista uma verdade; que não exista uma constituição absoluta das coisas, uma ‘coisa em si’.” (REALE, 2002, p. 19).

Nesse deserto de valores, de existência, de identidade – “[...] senti que precisava falar com alguém, alguém que pudesse me confirmar, sim, que eu era um homem da mesma espécie do interlocutor [...]” (NOLL, 2012, p. 103) – não há espaço para regras morais; está cheio demais de nada. Não é possível, destarte, para João Bastos, fundar uma moralidade, mesmo que de caráter subjetivo. Ele apenas faz coisas, age... muitas vezes, passivamente; instintivamente; libidinosamente. É “[...] nada mais que uma máquina, que precisava antes de qualquer coisa preservar a cadência das batidas [...]” (NOLL, 2012, p. 11). Esta é a primeira constatação, acerca de si mesmo, feita pelo personagem. E é assim que parece enxergar-se em meio à turbulência do seu cotidiano.

3 Últimas considerações

Vestir ou despir o protagonista de *Solidão Continental* é visualizar a imagem fugidia do contemporâneo – caracterizado pela efemeridade, dita por Charles Baudelaire (1996), por um vir a ser ininterrupto, a gosto de Marshall Berman (1986), pelo sujeito deslocado, descrito por Stuart Hall (2014), e, portanto, fraturado – que se esfacela em fragmentos cada vez menores, cada vez mais estilizados e solúveis⁹; comprimindo-se com extrema violência gravitacional, como num buraco negro, rumo à dimensão obscura de uma individualidade doentia. A vida de João Bastos não deixa de apresentar essa inconstância; uma carência brutal de solidez nas cenas que se desfazem e se iniciam com certa força de origem estranha. E assim também são suas relações afetivas.

E mesmo sentindo-se inativo e em seu próprio ritual fúnebre, presentindo que tal momento, “[...] Mais uma vez, ele parecia a ponto de ocorrer...” (NOLL, 2012, p. 111), o personagem parece ouvir *O insensato* de Nietzsche, que diante do sobressalto que sua revelação causou, interpõe-se com um complemento premonitório: “[...] meu tempo ainda não chegou. Esse acontecimento

enorme ainda está a caminho, caminha” (NIETZSCHE, 2013, p. 216). No caso de João não é um futuro por vir que retarda seu momento, mas uma agonia; uma agonia que parece repelir o momento último. Uma agonia que advém de sua solidão visceral e que precisa de um bálsamo que se mostra, inicialmente, num choro de bebê para em seguida encontrar fôlego nos cuidados e prováveis beijos de Daiane, sua empregada. “Mas mais uma vez, eu sabia, ele tardaria...” (NOLL, 2012, p. 111). Tal conforto mostra-se incompatível com o deslocamento de João, seu vir a ser interminável e sempre incompleto... Vazio. À busca e desejo de algo, mais improvável que possível, mas que, um dia, talvez, se realize.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Organizador Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. 1ª reimp. Belo Horizonte. Ed.: UFMG, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* In: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução Inês Austran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- MELO, Ivana Ferigolo. *A narrativa de João Gilberto Noll: a ficção (des)constituindo o ser*. Artigo inscrito no XII Congresso da ABRALIC. Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0325-1.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.
- NOLL, João Gilberto. João Gilberto Noll fala de ‘imprecisões’ em Solidão Continental. Entrevista concedida ao jornal online *Estadão*, São Paulo, 2012a. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,joao-gilberto-noll-fala-de-impresoes-em-solidao-continental,927367>> Acesso em: 12 jan. 2015.
- _____. João Gilberto Noll fala sobre seus livros e reflete sobre sua carreira na quarta entrevista da série ‘Obra Completa’. Entrevista concedida ao jornal *Zero Hora*, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/08/joao-gilberto-noll-fala-sobre-seus-livros-e>

⁹ Para usufruir, mesmo que a certa distância, do conceito “modernidade líquida”, do sociólogo Zygmunt Bauman, que desvela o caráter passageiro das coisas; da sobreposição do temporário sobre o permanente; da deformação constante da solidez das coisas.

[reflete-sobre-sua-carreira-na-quarta-entrevista-da-serie-obra-completa-4222510.html](#)> Acesso em: 16 jan. 2015.

_____. *Solidão Continental*. Rio de Janeiro: Record, 2012b.

REALE, Giovanni. *O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais*. Tradução Silvana Cobucci Leite. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Trad. Rita Correa Guedes. In: *L'Existentialisme est un Humanisme*. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução Paulo Perdigão. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

Recebido: 05 de abril de 2016
Aprovado: 26 de setembro 2017
Contato: marciueu@gmail.com
(Márcio Moreira Costa)
heloisahelenah2@hotmail.com
(Heloísa Helena Siqueira Correia)